



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS - IL  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS - LIP**

**LETÍCIA GABRIELA VIEIRA DE ARAÚJO**

**AS INDIVIDUALIDADES DA PESSOA AUTISTA E O PROCESSO DE AQUISIÇÃO  
LINGUÍSTICA**

**BRASÍLIA - DF  
2023**

LETÍCIA GABRIELA VIEIRA DE ARAÚJO

**AS INDIVIDUALIDADES DA PESSOA AUTISTA E O PROCESSO DE AQUISIÇÃO  
LINGUÍSTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras Portugês do Brasil como Segunda Língua como requisito básico para a conclusão do curso.

**Orientador: Professor Doutor Paulo Medeiros Júnior.**

BRASÍLIA-DF  
2023

## **RESUMO**

Nesta pesquisa, almejamos demonstrar a singularidade que o processo de aprendizagem de uma segunda língua é para uma pessoa autista. A criança autista é capaz de ser bilíngue e responder ao mesmo comando em idiomas diferentes. O TEA, Transtorno do Espectro Autista, atinge de 1% a 2% da população mundial e, durante muitos anos, foi rotulado como uma doença mental e utilizado para taxar as pessoas autistas como incapazes. A criança autista não interage da mesma forma que uma criança neurotípica. Dessa forma, o processo de aprendizagem, muitas vezes, é diferente, pois elas tendem a ser muito seletivas com seus interesses. Cabe ao professor selecionar meios para melhor auxiliar a criança no seu desenvolvimento. Para este artigo, foi utilizado como base uma avaliação de caso específico e feita a análise de vídeos.

Palavras-chave: autismo; bilinguismo.

## **ABSTRACT**

In this paper, we aim to demonstrate the singularity of the process of learning a second language for an autistic person. The autistic child is able to be bilingual and respond to the same command in different languages. ASD, Autistic Spectrum Disorder, affects 1% to 2% of the World population and, for many years, was labeled as a mental illness and picturing autistic people as incapable. The autistic child does not interact the same way as a neurotypical child does. Therefore, the learning process, frequently, is different, because they tend to be very selective with their interests. For this article, a case study and video analysis were used as a basis. It is up to the teacher to find the means to better guide the child through their development. For this article, an evaluation of a specific case found on public social media was used as the basis and analysis of videos was done.

Keywords: autism; bilingualism.

## **1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Uma matéria publicada pelo Correio Braziliense em abril de 2022, apontou que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) atinge de 1% a 2% da população mundial e, no Brasil, aproximadamente 2.000.000 (dois milhões) de pessoas. A reportagem ainda conta com uma entrevista da médica Ana Márcia Guimarães que alerta sobre como o diagnóstico tardio do TEA “traz muitas implicações para o paciente e para a família. É um indivíduo que está comprometido nas suas habilidades sociais e atividades diárias. Descobrir tardiamente aumenta a incidência de transtornos psiquiátricos que seriam evitáveis.”

A discussão acerca do autismo no âmbito educacional expandiu-se com algumas mudanças. No entanto, o autismo ainda é considerado tópico polêmico, considerando o fato de que diversas pessoas são diagnosticadas mais acuradamente apenas na sua vida adulta. Há muitos que realmente não sabem do problema e porém também existem aqueles que simplesmente ignoram o diagnóstico feito a seus filhos, por tabu ou ignorância.

Nesta pesquisa, almejamos, a partir de uma avaliação de caso específico, iniciar o questionamento sobre singularidade do processo de aprendizagem de Segunda Língua (L2) para uma pessoa autista. A pesquisa foi desenvolvida a fim de promover a discussão acerca da aquisição de uma língua dentro do contexto do espectro autista. Além disso, existem muitos estudos na área do desenvolvimento da criança diagnosticada, no entanto, poucos dizem respeito ao aprendizado de uma L2.

Na sequência, discutiremos brevemente o percurso histórico de estudos sobre o autismo pontuais para este artigo e seus diferentes pesquisadores. Posteriormente, faremos uma incursão pela base teórica referencial assumida para a avaliação de caso. Em seguida, relataremos, com base na discussão dos estudos prévios, a história de Summer e Violet, mãe e filha com o diagnóstico. Por fim, concluímos com observações relativas à avaliação de caso.

### **1.1 O ESPECTRO AUTISTA**

Cabe iniciar nosso debate discutindo o conceito de autismo e como ele foi definido por estudiosos da área. Segundo o livro “Autismo Infantil” de José Salomão Schwartzman, autismo é:

uma condição que se caracteriza por prejuízos nas áreas da comunicação, da interação social e do comportamento, em graus muito variáveis de severidade. Na verdade, admitimos atualmente que o autismo deva ser

entendido como uma síndrome, e não uma doença específica, pois é um conjunto de sinais e sintomas que podem ser determinados por ou estar associados a um grande número de condições diversas. (2003, p. 122)

O termo autismo foi cunhado pela primeira vez em 1911, por Eugen Bleuler, psiquiatra suíço que o usava para descrever pacientes esquizofrênicos que pareciam desconectados do mundo externo. Em 1943, Leo Kanner, médico austríaco radicado nos Estados Unidos, observou crianças e escreveu, no mesmo ano, o artigo “Os transtornos autistas do contato afetivo”. Hans Asperger, pesquisador e psiquiatra austríaco que trabalhou para o partido nazista, publicou em 1944 sua tese de pós-doutorado “A Psicopatía autista na infância”. Apesar de ter sido publicado alguns meses após o artigo de Kanner, Asperger não conhecia o trabalho do médico.

O autismo era um diagnóstico relativamente raro nos Estados Unidos em 1975, os casos eram de 1 em 5 mil crianças. Com o estudo cada vez mais profundo sobre autismo, e um melhor conhecimento de sua sintomatologia, o diagnóstico foi facilitado e mais amplamente utilizado, aumentando o número de casos registrados ao passar dos anos, por exemplo: em 1985, 1 caso em 2.500 crianças, em 1995, 1 em 500 crianças, em 2002, 1 em 150 crianças e em 2016, 1 autista em 68 crianças. A obra de Asperger, apesar de inserida em um contexto antiético, ampliou muito as ideias sobre o espectro autista, sua tese auxiliou o aprofundamento dos estudos sobre essa condição e seu diagnóstico. Por conta disso, muitos o louvam por reconhecer e celebrar diferenças entre crianças, ele é frequentemente retratado como defensor da neuro diversidade.

Entretanto, Asperger defendia que crianças autistas "não se encaixam realmente nesse mundo" e pareciam ter “acabado de cair do céu” (SHEFFER, 2018). Ele selecionava quais crianças tinham *potencial* para a reintrodução na sociedade e as que não tinham eram executadas por eutanásia. O Terceiro Reich matou mais de 220 mil pessoas consideradas portadoras de deficiências.

Com essa adoração por Asperger, muitos não sabem ou não mencionam as atrocidades cometidas durante os anos em que ele colaborou com o partido nazista, realizando experiências com humanos.

Uma série da Netflix chamada “Uma advogada extraordinária” (2022) conta a história de uma advogada que possui o Transtorno do Espectro Autista (TEA), e no terceiro episódio, ela menciona o psiquiatra austríaco (com essa ideia de positividade sobre a obra dele), porém ela diz a seguinte frase:

Há cerca de 80 anos, um autista não era digno de viver. Há 80 anos, eu e o Kim Jeong-un não seríamos dignos de continuar vivendo. Até hoje, centenas de pessoas curtem comentários que dizem: “perder um aluno de medicina enquanto um autista vive é injusto”. Esse é o peso da nossa deficiência.

Vale ressaltar que o objetivo do diagnóstico não deve ser focado em descobrir “o nível do meu filho” e sim procurar ajuda profissional para que a criança se desenvolva e evolua, dentro do próprio ritmo. Existe a possibilidade de nunca encontrar a resposta para em qual nível a pessoa se encaixa, uma vez que essas categorias são genéricas e muitas vezes o indivíduo pode ter características de mais de uma delas. O principal objetivo do diagnóstico e acompanhamento médico é dar o máximo de independência para o indivíduo no espectro.

A seguir, discutiremos um pouco sobre a questão da aquisição da linguagem para, em seguida, fazer um contraponto debatendo as implicações do autismo no processo de aquisição linguística.

## **2. AQUISIÇÃO LINGUÍSTICA**

Este artigo baseia-se na teoria do desenvolvimento intelectual de Piaget (abordando principalmente o desenvolvimento psicológico infantil), que trata a aquisição da linguagem como consequência de processos cognitivos. Para Piaget, o pensamento é procedente da ação. É inata, para Piaget, a capacidade de aprender a falar, e a inteligência é dada pela relação sujeito-objeto, ou seja, criança e meio físico, o indivíduo, conforme se desenvolve, matura cada vez mais essa capacidade de aprendizado.

Piaget identifica, em seu estudo “Método”, quatro estágios de evolução mental de uma criança. Cada nível é um período em que o pensamento e o comportamento infantil são caracterizados por uma forma específica de conhecimento e raciocínio. Os quatro estágios são: sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal.

[...] cada um dos estágios passados corresponde a um nível mais ou menos elementar ou elevado da hierarquia das condutas. Mas cada estágio correspondem também características momentâneas e secundárias, que são modificadas pelo desenvolvimento ulterior, em função da necessidade de melhor organização. Cada estágio constitui então, pelas estruturas que o definem, uma forma particular de equilíbrio, efetuando-se a evolução mental no sentido de uma equilibração sempre mais completa. (PIAGET, 1999, p. 15).

O primeiro estágio, sensório-motor ocorre até os 2 anos de idade, o segundo estágio é o pré-operacional que se situa entre os 2 e 7 anos. Em seguida vem os estágios de operatório concreto que vai dos 7 aos 11/12 anos de idade, e operatório formal que, segundo a tese piagetiana, é a forma final de equilíbrio. Mariana R. A. Augusto (1995) no seu artigo “Teoria Gerativa e Aquisição de Linguagem” afirma sobre o Método de Piaget “cada estágio é uma forma de equilíbrio específico que apresenta uma estrutura de conjunto. As estruturas de conjunto formam os diferentes estágios e são o resultado de uma gênese.” A autora ainda fala de como para Piaget, existe a preocupação de determinar esses estágios sequenciais de desenvolvimento para implicar uma relação de cognição-linguagem que é inserida nesse processo de construção de estruturas.

Ou seja, para Piaget é a ação motora que desencadeia o processo evolutivo, tendo a linguagem apenas um papel periférico no desenvolvimento intelectual. A aquisição da linguagem, portanto, numa teoria que leva em consideração os pressupostos piagetianos de desenvolvimento cognitivo, acomodar-se-á a essa noção-chave de construção de estágios estruturados sucessivos. Essa visão é conhecida como construtivista nas teorias psicolinguísticas de desenvolvimento. (Augusto, 1995, p. 118)

Segundo a teoria do Construtivismo, o conhecimento apresenta-se como resultado da construção pessoal do aluno. “A aprendizagem não pode ser entendida como resultado do desenvolvimento do aluno, mas sim como o próprio desenvolvimento do aluno.” (Fossile, 2010). Como dito anteriormente, para Piaget, as habilidades intelectuais são formadas por meio de ação e interação entre o indivíduo e o ambiente, sendo esses os principais fatores para o desenvolvimento do conhecimento. Para o Construtivismo, a interação do indivíduo com o mundo faz com que ele atue interna e externamente.

Para ele, a criança constrói o conhecimento com base na experiência com o mundo físico, isto é, a fonte do conhecimento está na ação sobre o ambiente. (...) está interação é entre a criança e o mundo. (...) Seu interesse não é pela linguagem per se, mas a linguagem como porta para a cognição. (FIORIN, 2008, p.222)

Seguindo essa linha de raciocínio, podemos concluir então que, quanto maior a exposição a uma língua (L1) no ambiente em que o indivíduo está inserido maior será seu conhecimento, seu desenvolvimento será mais elevado do que em uma língua (L2) que não é utilizada no meio físico com a mesma intensidade.

### 3. AVALIAÇÃO DE CASO

O caso usado como base dessa pesquisa é o da família Stefanini, que possui uma conta no *Instagram*, *YouTube*, *TikTok* (@familyonboard); a família mantém a conta com a intenção de conscientizar as pessoas sobre o autismo, tanto em adultos quanto em crianças, mas com o foco maior em pais que possuem filhos autistas com diagnóstico recente. O casal de brasileiros se mudou para os Estados Unidos assim que descobriu o diagnóstico da filha mais velha, e a mãe, Violet, descobriu há um ano que também tinha autismo, aos 30 anos de idade.

Sobre o diagnóstico da filha Summer, Violet relata que, desde que era bebê, a filha não se assustava com barulhos, o que a fez acreditar que a filha tinha algum problema de audição. Com quase 9 meses, o *flapping* (chacoalhar as mãos e/ou braços) começou a aparecer. Ela notou onze sinais de autismo na filha entre 1 e 2 anos de idade, sendo eles: não atendia pelo nome; fazia *flapping*; levava tudo à boca; sorriso ou risada sem motivo aparente; não interagia; estava sempre com objetos da mão e não brincava com brinquedos; não tinha noção de perigo, falava “ihhh”; usava a mão de terceiros como ferramenta; não imitava e nem entendia comandos simples; amava crianças, mas não brincava com elas. Hoje, a filha mantém o *flapping*.

Segundo Violet, “com 2 anos não falava nada! Apenas soltava uns ‘mamama’, ‘papapa’, ‘dadada’, mas nunca para se comunicar”. A filha foi diagnosticada com autismo aos 2 anos e 1 mês de idade e foi diagnosticada como sendo portadora do espectro ‘moderado para severo’. Essa especificação não é mais usada; atualmente usa-se ‘nível 2 para 3’ (de acordo com o DSM-5, *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders 5th Edition*, da Associação Psiquiátrica Norte Americana). O médico esclareceu que a criança poderia mudar de nível, tanto regredir para o nível 1 ou subir para o nível 3. Hoje, entende-se que existem 4 níveis de autismo, sendo o quarto mais raro de ocorrer.

Assim que ouviu a resposta do médico, Violet decidiu então se esforçar para que a filha evoluísse, reduzindo o nível do espectro. Summer começou a falar com 2 anos e 6 meses de idade; antes disso, os pais, mesmo não sendo fluentes, se comunicavam com ela usando



alguns sinais da Língua de Sinais Americana (ASL). O que usavam com mais frequência eram sinais que correspondem a “mais”, “por favor”, “obrigado”, entre outras palavras que usamos na vida cotidiana. Como a família já morava nos Estados Unidos, eles decidiram focar em um idioma primeiro; sendo assim, escolheram se comunicar em inglês com Summer. Há mais ou menos um mês, ela é nível 2 para nível 1 de suporte. Violet relatou que ela está evoluindo bem, e recentemente ela também descobriu que a filha tem Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade - TDAH.

A plataforma social *Instagram* é a rede mais popular da família, com 393 mil seguidores; seu canal no *YouTube* conta com 6.26 mil e o *TikTok* com 129.1 mil seguidores. No *Instagram*, Violet abre “caixinhas” para perguntas, frequentemente faz *lives*, mostrando a rotina da família. No perfil ainda estão disponíveis vários destaques falando sobre o autismo da Violet, autismo da Summer, diagnóstico, terapia, autismo, dicas, escola da Summer entre outros.

Além de muito ativa nos *stories*, Violet também promove a conscientização sobre o autismo através do *reels*, vídeos curtos de até 1 minuto e 30 segundos que são postados no *feed* do *Instagram*. Em vários desses vídeos ela está com a Summer, e ambas dividem a fala com a mensagem do vídeo, por ser um vídeo planejado, com roteiro e todo em português, Summer fala tudo. Percebe-se um sotaque de Summer ao falar e menor rapidez quando comparado ao inglês. Vendo os destaques de *stories* da conta, é possível notar que a família usa mais o inglês com a Summer, e que a criança fala com mais facilidade o inglês, por ser sua língua materna e fazer mais uso do inglês no dia a dia, já que a escola que frequenta não é brasileira e a terapia também é em inglês. Mesmo usando mais o inglês, pelo conteúdo que Violet compartilha que mostra misturas dos idiomas, pode-se deduzir que Summer também entende comandos em português, mesmo que não falando o idioma fluentemente. Em um *stories* Summer aparece falando “*drinking* a água”. Em outro vídeo, a mãe está chamando a filha para dormir e a criança mistura novamente o inglês com o português:

“Violet: Summer... vamo nanar?”

Summer: Não!

Violet: Ahh.. vamo?!

Summer: Não, *I don't want* nanar!”

#### **4. O PROCESSO DE APRENDIZAGEM E O AUTISMO**

Segundo a teoria de Piaget, Summer está no fim do estágio pré-operatório. Esse estágio é marcado pelo aparecimento da capacidade de dominar a linguagem e a

representação do mundo por meio de símbolos. Assim como no estágio anterior, a criança continua egocêntrica, tem pensamento animista (de dar vida a seres inanimados) e possui um raciocínio transdutivo (ligar fatos que não mantêm relação entre si). Em um dos destaques de seu *Instagram*, Violet fala sobre a nova escola da Summer, ela mostra um exercício que os alunos fizeram em sala de aula, todos pintaram e/ou desenharam em sua atividade, Summer foi a única que escreveu. A professora, na reunião de pais, disse que Summer amava letras, escrever e ler. Nos *stories*, Violet escreve:

“Disse que ela é uma ótima amiga, que chama todo mundo pra brincar! Disse que ela termina as atividades bem rápido e que logo vão trabalhar com coisas mais desafiadoras pra ela. Disse que estão trabalhando na parte da comunicação com ela, pra cada vez ficar mais espontâneo. Também estão trabalhando no “espaço pessoal” que ela não entende tanto ainda. Por exemplo: ela vai na amiga e começa a fazer penteado nela sem a amiga pedir, ou vê um amigo com jaqueta de gorro e vai lá e coloca o gorro no amigo.”

Summer está frequentando neste ano 2022/2023 uma escola específica apenas para autistas, muito renomada no estado de Utah, onde a família mora. No Brasil, não possuímos nada parecido. Violet já expressou ser um sonho construir algo similar no território brasileiro. Antes, no ano de 2021/2022, Summer, com 3 anos, estudava em outra escola também só para autistas, que possuía apenas 16 alunos, 8 no período da manhã e 8 no período da tarde. A escola era “estilo terapia”, palavras de Violet, onde os estudantes precisavam seguir a rotina, trabalhar com horários para lanche, ir ao banheiro etc. Esse modelo faz com que as crianças se acostumem a ter disciplina.

Várias pessoas com autismo podem ter como um dos sintomas a ecolalia, que pela definição do dicionário Aurélio é a “repetição involuntária de frases ou palavras”. A ecolalia é um sintoma muito comum, mas não necessariamente a pessoa autista precisa manifestá-la. Em um *reels* postado no Instagram, Violet traz as seguintes informações sobre a ecolalia:

“Ela pode ser usada como uma estereotipia vocal com intenção de se autorregular ou com intenção comunicativa. Existem três tipos de ecolalia: imediata, tardia e mitigada. A imediata é quando a criança repete o que ela acabou de ouvir. Por exemplo, a mãe pergunta: ‘você quer suco?’ e a

criança responde: ‘você quer suco?’. A ecolalia tardia é quando a criança repete palavras, frases, em um outro momento, mas sem a intenção de se comunicar. A ecolalia mitigada é quando a criança repete uma palavra ou frase mas dentro de um contexto. Por exemplo, a criança assiste um desenho da Peppa Pig e ela ouve: ‘essa é minha mamãe e esse é meu papai’ e aí vem um adulto e pergunta: ‘quem é essa daqui na foto?’ e então ela vai responder: ‘essa é minha mamãe e esse é meu papai!’”

Uma criança com ecolalia mitigada, por exemplo, pode ter facilidade para aprender a falar a primeira e até uma segunda língua, por meio da repetição. A ecolalia, pode ser usada a favor do desenvolvimento dela, em vez de reprimir essas ações, os pais e profissionais podem usar isso a favor da aprendizagem da criança. Inhelder diz o seguinte sobre Piaget:

Para Piaget (1966), a linguagem faz parte de uma organização cognitiva mais geral que mergulha suas raízes na “ação e nos mecanismos sensório-motores mais profundos do que o fato lingüístico”; em particular, é um dos elementos de um feixe de manifestações que repousam na função semiótica, na qual participam o jogo simbólico, a imitação diferida e a imagem mental. (INHELDER, 1983, p.170)

A estratégia de repetição é frequentemente usada em escolas de idiomas. Por muitos é datada como antiquada e ineficiente, e é uma estratégia da linha teórica mais tradicional. Em contextos específicos e com fins pedagógicos bem delimitados, a repetição pode ajudar a fixar estruturas lexicais. O professor, observando se a criança possui algum tipo de ecolalia, principalmente, a mitigada, pode tentar usá-la a seu favor utilizando como aliada de ensino a estratégia de repetição, para que o aluno aprenda comando na L2 de forma mais rápida.

Pelos vídeos postados, aparenta-se a compreensão de Summer de comandos nos dois idiomas, apesar de a criança apresentar uma desenvoltura maior com o inglês. Claramente, não podemos afirmar a fluência de Summer nas duas línguas, nem mesmo em apenas uma delas, uma vez que, segundo o quadro de Método de Piaget, Summer acaba de entrar no terceiro estágio de aprendizado, o de operatório concreto.

Muitas crianças que possuem autismo não são oralizadas ou possuem uma dificuldade mais elevada para falar. Dessa forma, os pais podem recorrer a novas formas de comunicação com os filhos, o meio de CAA (Comunicação Ampliada Alternativa) é muito utilizado tanto como ferramenta para estudos, quanto para a comunicação. O maior aplicativo para esse tipo específico de público chama “*Proloquo2Go*”: é um aplicativo pago, custando R\$ 1.499,00 na *Apple Store*, o aplicativo possibilita usar duas línguas ao mesmo tempo para, caso desejado, o aprendizado bilíngue. Por ser um recurso caro, muitos pais e professores utilizam a versão confeccionada manualmente, que é o caderno chamado *flipbook*, no qual, por meio de imagem e palavras (verbos, objetos, emoções etc), a criança pode estudar e se comunicar. Da mesma forma que para uma criança típica, é necessário tempo e diferentes situações para ter evidência de que foi compreendido o comando e a criança deu a resposta correta, com a criança autista é a mesma coisa.

Mesmo com os desafios que a família passa, Violet compartilha sempre com muita felicidade e orgulho as conquistas e avanços que Summer demonstra com o passar do tempo. Em um vídeo falando sobre o atraso na fala, ela disse que se arrepende de não ter iniciado a terapia com Summer mais cedo, e a importância dos pais “cobrarem” avanços de desenvolvimento dos filhos conforme vão crescendo. Cada criança tem seu próprio ritmo de desenvolvimento, mas isso precisa estar atrelado ao aprendizado e incentivo de ensino, para não ser prejudicial à criança, seja ela típica ou atípica.

A terapia para uma criança atípica, auxilia a criança a ganhar independência cada vez maior, e junto com recursos pedagógicos enriquecem o aprendizado. Fossile (2010) diz que “O professor deve criar desafios para seus alunos em contextos que façam sentido para eles. Deve estimular a criticidade, a pesquisa, a discussão, o debate.” Para o Construtivismo, o professor precisa compreender e respeitar as produções da criança, elas indicam progresso e não erro. Acrescento ainda, que nesse processo não só o professor e o psicólogo precisam ter essa compreensão, mas principalmente a família. “São os “erros” construtivos. “ (Nunes, 1990).

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Até hoje, muitas pessoas não possuem conhecimentos acerca do autismo, isso inclui diversos profissionais da educação, que acabam não recebendo instrução na faculdade durante sua graduação. Como então um professor, em específico de segunda língua, pode

auxiliar um aluno autista tendo em vista que no nosso país não existem escolas especiais como a de Summer? Primeiro de tudo, o relacionamento precisa ser estreitado com a família, além da busca de um trabalho conjunto para o melhor desenvolvimento da criança. Em segundo lugar, o professor deve buscar se informar e estudar mais sobre o autismo, atentando-se às peculiaridades do seu aluno em específico, e buscar novas abordagens de ensino. Em terceiro lugar, procurar meios para incluir a criança no ambiente de sala de aula e não rotulá-la como “autista”, pois afinal de contas, ter TEA é apenas uma das muitas características que ela possui.

Não é plausível colocar as pessoas com TEA dentro da mesma perspectiva pedagógica, pois cada uma delas, assim como qualquer outro ser humano, é única no seu desenvolvimento, nas suas peculiaridades e nas suas dificuldades. Dessa forma, não existe apenas uma forma certa e aceitável para a adquirir uma língua, o ritmo de aprendizado não deve ser comparado com a de outra criança se ambas estão dentro do marco esperado de desenvolvimento, o ritmo de aprendizagem só mostrará a facilidade ou dificuldade da criança nesse processo. Autistas não devem ser menosprezados, eles são capazes de aprender, de sentir, de conquistar grandes coisas.

Sobre a avaliação de caso deste trabalho em específico, o que podemos afirmar é que apenas daqui uns anos, com o crescimento de Summer, poderemos afirmar com toda certeza que ela possui fluência em inglês e português. Mas, até então, pelos vídeos analisados e pelos relatos da própria família, podemos concluir que ela está apta a aprender as duas línguas.

“Mesmo quando estou trabalhando como advogada Woo Young-Woo parece que eu sou a autista Woo Young-Woo aos olhos das pessoas, autista Woo Young-Woo é a associação mais fraca.” - Woo Young-Woo (série Advogada extraordinária, Netflix 2022).

“Ajude as pessoas com autismo a serem incluídas em atividades sociais. Ao fazer isso, as pessoas aprendem que os indivíduos com autismo são como todos os outros e desejam ter amigos.” - Ron Sandison, Professor de Teologia na *Destiny School of Ministry*. Membro da *Advisory Board*.

## 6. REFERÊNCIAS

**A Teoria Piagetiana de Aquisição da Linguagem**. Disponível em:

<<https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-educacao/3367607>> Acesso em: 29/10/2022

AUGUSTO, Marina R. A.. **TEORIA GERATIVA E AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM**.

Sitientibus, Feira de Santana, n.13, p.118. 1995.

**Cerca de 2 milhões de pessoas vivem com o autismo no Brasil**. Disponível em:

<<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/04/4997766-cerca-de-2-milhoes-de-pessoas-vivem-com-o-autismo-no-brasil.html>> Acesso em: 13/09/2022

**Instagram “Family on Board”** Disponível em:

<<https://instagram.com/familyonboard?igshid=YmMyMTA2M2Y=>>

FOSSILE, Dieysa K. **Construtivismo versus sociointeracionismo: uma introdução às teorias cognitivas**. *Revista Alpha*, Patos de Minas, UNIPAM. 2010. Disponível em: [http://alpha.unipam.edu.br/documents/18125/23730/construtivismo\\_versus\\_socio\\_interacionsimo.pdf](http://alpha.unipam.edu.br/documents/18125/23730/construtivismo_versus_socio_interacionsimo.pdf).

GLEITMAN, Lila; LANDAU, Barbara. **The Acquisition of the Lexicon**. Holanda, p. 148. 1994.

INHELDER, B. **Linguagem e conhecimento no quadro construtivista**. In: PIATELLI-PALMARINI, M. (Org.). *Teorias da linguagem, teorias da aprendizagem: o debate entre Jean Piaget e Noam Chomsky*. São Paulo: Cultrix: Editora da USP, 1983.

NUNES, Therezinha. **Construtivismo e alfabetização: um balanço crítico**. *Educ. Revista*, Belo Horizonte, 1990. Disponível em:

[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0102-46981990000200004&script=sci\\_arttext](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0102-46981990000200004&script=sci_arttext).

**O Construtivismo e Jean Piaget**. Disponível em:

<<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/15/12/o-construtivismo-e-jean-piaget>> Acesso em: 29/10/2022

SHEFFER, Edith. **Crianças de Asperger: As origens do autismo na Viena nazista**. Edição brasileira, Rio de Janeiro, Editora Record, p. 9 - 45. 2019.

SCHWARTZMAN, José Salomão. **Autismo Infantil**. São Paulo, v. 2, p. 122. 2003.